

Identificação e uso de monogramas: em foco o monograma *EH*

Identification and use of monograms: focused on the EH monogram

Júlia Bóries Fachin

juli_fachin@hotmail.com

Resumo

O artigo discorre sobre monogramas usados como símbolos de singularização de indivíduos, quando inseridos em determinado contexto. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e descritiva, com a identificação de acervo de vestuário que possui o monograma *EH*, na Modateca, da Universidade do Estado de Santa Catarina. Foi por meio de investigação da literatura e com base em levantamentos de informações históricas, que o monograma foi estudado e identificado. Buscou-se, também, origem e evolução, constatando-se que os monogramas se originaram na antiguidade e evoluíram aos dias atuais, adequando-se à realidade de cada década. Devido a pesquisas diretamente baseadas no acervo, foi concluído que foi à Elizabeth Hauer que o monograma *EH* pertenceu, o qual é a essência deste artigo.

Palavras-chave: Monograma. Monograma – Século XX. Monograma *EH*.

Abstract

The article discusses how the monograms are used as symbols of singling out individuals, when placed in a certain context. It is about a bibliographic and descriptive research, based on the identification of a collection of clothing found in the State University of Santa Catarina's Modateca, which bears the monogram *EH*. It was through research of literature and based on surveys of historical information, that the monograms were studied and identified, as well as their origins and evolution, noting that they were originated in antiquity and evolved to the present day, adapting to the reality of each decade. Due to research directly based on the collection, it was concluded that it was to Elizabeth Hauer that the monogram *EH* belonged, which is the essence of this article.

Key words: Monograms. Monograms – XX Century. *EH* Monogram

1 INTRODUÇÃO

Assim que a humanidade começou a viver em sociedade e deixaram de serem nômades, deixaram de serem individualizados e passaram a viverem em um meio massificado, ou seja, segundo Ferreira (2004) massificar tem o sentido de orientar, influenciar indivíduos por meio da comunicação de massa, no sentido de transformar e/ou estereotipar a conduta individual e a razão, Massificação no sentido de tornar ou fazer qualquer ‘produto’ consumível pela massa. Portanto, de um modo amplo, meio massificado pode ser entendido como uma característica própria das sociedades desenvolvidas, nas quais o nível de vida e o dia a dia das pessoas tendem a assumir valores padronizados, o que ocorre no momento, o que está na moda.

Com a evolução das sociedades e, sempre numa rotina constante, acontece a criação de meios de diferenciação entre os povos, nos mais variados sentidos sejam, sociais, culturais, econômicos e, nesse contexto, surgem os monogramas.

Monograma tornou-se tema deste artigo, quando da visita técnica à Modateca, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), no primeiro semestre de 2013, foram selecionadas sete peças (dois *caleçons*, três camisolas e duas roupas de baixo), das décadas de 1910 e 1920, as quais percebeu-se que continham pequenos signos personalizadas embutidos nas peças.

Monograma, na visão de Ferreira (2004), é o entrelaçamento de letras iniciais ou principais do nome de uma pessoa ou entidade. Portanto, compreende-se que monogramas são feitos pela combinação ou sobreposição de duas ou mais letras para formar um símbolo e se caracteriza como logotipo pessoal, ou marca individual, ou ainda, um selo de distinção. Podem refletir o gosto ou status que a pessoa tinha, seja tradicional, excêntrico, eclético ou moderno. Entende-se, então, que monogramas são formas de personalização, elegância, exclusividade e sofisticação.

Segundo Cynthia Hartman (s/d) que publicou um estudo chamado de “O que são monogramas?” Publicado no site *eHow Brasil*, disponível em: <http://www.ehow.com.br/monogramas-info_36177/>, onde apresenta que as moedas foram os primeiros itens a carregar monogramas. Em torno de 350 antes de Cristo, as cidades gregas começaram a produzir moedas e, para que pudesse ser possível identificar qual cidade a moeda pertencia, foram gravados monogramas nas mesmas, identificando as duas primeiras letras do nome da cidade, registrando a procedência da moeda. Outras formas de utilização do monograma é observado nas famílias reais, nos uniformes de internatos, em peças de

vestuário e adereços (lenços, chapéus, bolsas), entre outras.

Como justificativa do presente artigo, baseando-se nas afirmativas anteriores, passou-se a investigar como os monogramas identificavam a quem pertencia a posse de certo item, assim como quais eram os artifícios que diferenciavam os sujeitos dentro de uma sociedade massificada e o que cada monograma representava.

Na busca por fontes de referência sobre os monogramas, contatou-se que são pouquíssimos os artigos científicos sobre o assunto, em português principalmente. Encontram-se inúmeros *sites* e *blogs* que citam, apresentam e disponibilizam algum tipo de dicas ou propaganda, de forma informativa e de divulgação.

Desta forma, buscou-se por meio da revisão da literatura da área, resposta para a questão norteadora deste artigo, ou seja, o que significam e a quem pertencem os monogramas identificados nas peças de vestuário na Modateca da UDESC?

Este artigo visou identificar como o monograma encontrado no acervo influencia a individualização de uma pessoa ou família, dentro de uma sociedade massificada, onde todos, assim como seus pertences, são tomados como semelhantes.

Na busca da resposta, utilizou-se como fonte de pesquisa a Internet para levantar a literatura científica sobre o assunto e buscar pela identificação da pessoa proprietária das peças doadas à Modateca da UDESC. Cabe destacar que a literatura brasileira é incipiente e utilizou-se a busca por informações validadas em outros idiomas, em especial o inglês, onde se encontraram vários tipos de informações como artigos, patentes, livros e, inúmeros *blogs* e *sites*. A seguir apresenta-se a revisão literária, levantamento de dados, análise e discussão, seguida das considerações finais e referências.

2 MONOGRAMAS: ESTUDO E IDENTIFICAÇÃO

Historicamente as famílias reais foram, e ainda são as grandes usufruidoras de monogramas. Consistem nas iniciais dos nomes, ou no uso de letras do nome ou, ainda, no título oficial do monarca, entrelaçadas em um desenho, identificando e personalizando não somente peças do vestuário, mas também envelopes postais, papeis, joias, fivelas de cinto e botões; lenços, chapéus, bolsas, entre outros, conforme coloca Ras (2005, p.73), que algumas

palavras sobre os monogramas reais, tão usados na Idade Média. Sua introdução, a fim de atender a ignorância desses séculos, quando muitos guerreiros, príncipes e governantes não sabiam assinar, é atribuída a Teodorico, rei dos godos. Este possuía uma folha de metal, onde estava perfurado o seu augusto nome. Para estampar a assinatura em um documento, ele só tinha que aplicar a chapa no pergaminho e passar por cima um pincel impregnado de tinta e,

ModaPalavra e-Periódico

com este dispositivo simples, o documento foi assinado e com firma reconhecida. Monogramas eram de uso comum na época de Carlos Magno, que utilizava com frequência este tipo de símbolos gráficos, destinada a representação de nomes e títulos, e também, às vezes, uma fórmula de saudação e de invocação mística.

Segundo Corbin (2009, p. 421), foi ao longo do século XIX que os monogramas, como sentimento de identidade individual se acentua, e é mais profundamente difundido, conforme discute que o

risco do homônimo e portanto da confusão, incrementado pela urbanização, estimula a originalidade. Os progressos da alfabetização e da escolarização estabelecem um novo vínculo entre o indivíduo, seu prenome e seu sobrenome. A argola de guardanapo ou o copo, a capa do caderno, o monograma e os bordados no enxoval da púbere juvenzinha, as iniciais costuradas nas roupas do pensionista e muitas outras práticas acentuam a obsessiva presença do nome e sobrenome.

Segundo as análises de Lipovetsky (1989), questões sociológicas como a ambiguidade que a moda proporciona, bem como as tendências da burguesia em imitar a nobreza, demonstram que esta denominava os trajes em vigor, ou seja, ditavam a moda em sua época. Desta maneira, percebe-se que as famílias nobres não mediam esforços para que seus monogramas fossem verdadeiras obras de arte e deste modo, exaltar seu poder. E esse era o diferencial de beleza que as famílias aplicavam em suas posses, confirmando seu status e sua riqueza. Percebe-se que, o que havia começado com um sistema de necessidade desde a cunhagem das moedas gregas, para evitar o risco de perda de itens e sua identificação, acabou por tornar-se mais um símbolo de ostentação e luxo, destacado por suas formas personalizadas, elegantes, sofisticadas e exclusivas.

Para Abrahão (2009, p.6), a ostentação e luxo eram encontrados nos mais diversos formatos, como em

pratos de formatos diversos, travessas, sopeiras, molheiras, cremeiras e os serviços de chá e café recebiam monogramas do proprietário ou brasões quando se tratava dos senhores nobilitados pelo Imperador [...] Esses monogramas, apesar de sua tradição aristocrática, eram de uso livre e versátil, tendo sido apropriado pelas famílias abastadas do oitocentos, como uma marca de propriedade.

Ao analisarmos a citação de Abrahão (2009), notamos mais exemplos da utilização dos monogramas em utensílios de casa. Entretanto, além de símbolo de luxo e da condição econômica das famílias, uns dos grandes usos dos monogramas estava na identificação de suas peças de vestuário, cama e banho, para que não fossem perdidas durante as lavagens, as quais na época, eram uma tarefa coletiva, comunitária. Não era incomum que aldeias inteiras participarem de uma só vez na lavagem de suas roupas. Como as famílias reais não participavam desta prática social, alguns dos aldeões eram contratados para que lavassem suas roupas, principalmente toalhas, lençóis, roupas de cama. Estes itens recebiam marcações para

que não fossem confundidos, perdidos ou extraviados durante a lavagem.

Os monogramas eram usados nos mais variados artigos, inclusive em paramentos da igreja feitos de tecidos finos e muitas vezes enriquecido com fios de ouro e prata e pedras preciosas. Do mesmo modo, apareciam em larga escala nos internatos, conventos, escolas de padres e/ou de freiras, onde a utilização de monogramas era simplesmente imprescindível, uma vez que o uniforme era igual à todos os estudantes.

Nesse sentido, a sociedade na qual estes estudantes vivem faziam com que eles não fossem únicos, e sim iguais, como se fossem somente mais um na multidão, ou seja, no transcorrer da época, buscava-se pela singularização dos indivíduos em uma sociedade massificada, principalmente em escolas internas, quando as crianças eram submetidas sempre à mesma rotina durante anos. E durante o tempo que permaneciam nessas instituições, os indivíduos usavam os mesmos uniformes, portanto, seria uma confusão quando chegasse a hora de lavar as roupas e depois para separar qual peça pertence a quem.

Reforçando essa ideia, antigamente era comum a publicação de artigos em revistas, como no artigo *Preparing for Boarding School, Girl's outfit*, na seção de *Women to Women*, de Vespa (1915), onde discorre sobre as vestimentas que geralmente são necessárias nos internatos, assim como dicas para mulheres e mães para facilitar a vida. Em uma parte do texto, é frisado que certos itens devem ser monografados a fim de prevenir futuros incidentes, como uma “*work bag* ou cesta bem equipada é muito necessária, e sacos com monogramas devem ser fornecidos para lavanderia, chinelos e assim por diante. Tudo deve ser cuidadosamente e claramente marcado” (VESTA, 1915, p. 12).

Assim como os lençóis e os uniformes de alunos de internatos, as camisas dos homens séculos atrás também recebiam monogramas, visto que eram todas parecidas e geralmente na cor branca. Itens como pijamas, do mesmo modo passaram a receber monogramas, como pode ser observado na resenha do livro *Comedy in a Minor Key*, de Hans Keilson (1947), citado por Dan Vitale (2013), quando comenta que ‘Nico’ vestia pijamas recém-lavados, com monogramas, adicionalmente marcados com um número de identificação pela lavanderia onde ‘Marie’ tinha enviado.

A utilização de monogramas, como discutido anteriormente é uma prática antiga. Começou com as moedas gregas (350 a.C), foi utilizado como forma de assinatura pelo Rei Teodorico (488-526). E com o tempo foi espalhando-se por diversos objetos, sejam no ramo do vestuário, como itens de casa e se propagou com o passar das décadas. Com base nas patentes dos Estados Unidos da América publicadas nas cidades de Philadelphia (Pennsylvania) em 1917; Brooklyn (New York) em 1928/1950 e Stevenson (Maryland) em

1971, nota-se que o interesse por monogramas e por métodos de mais facilmente aplicá-los foi recorrente durante o século XX, comprovando seu uso, importância e sua evolução para os tempos atuais.

3 ANÁLISE E DISCUSSÕES

Conforme mencionado inicialmente, o desenvolvimento desse projeto e a construção do presente artigo deram-se a partir da visita à Modateca da UDESC. A Modateca surgiu em 2003 de um projeto do curso de Bacharelado em Design de Moda e está localizada na Biblioteca Central da UDESC. Além de ter seu espaço físico com a disponibilidade de visitas ao seu acervo, é possível acessar o site da Modateca no endereço: <http://www.modateca-sc.com/>, possibilitando a visualização de certas peças, bem como consultar as demais informações sobre a mesma.

Conforme apresentado na revisão da literatura no item anterior, buscou-se conceituar e situar os monogramas. Em seguida, partindo da identificação das peças de vestuários e das informações coletadas na Modateca, localizou-se a doadora do acervo, que foram a base desta pesquisa.

O acervo utilizado consistiu em sete peças, sendo dois *caleçons*, três camisolas e duas roupas de baixo que são a mistura entre um *caleçon* com uma camisola, como se fosse um ‘macacão’ curto, chamados de combinações. Em cinco das sete peças é encontrado o mesmo monograma, um *EH*. Em um dos *caleçons* é identificado um *EH*, porém com um estilo diferente em seu desenho e, na última peça encontra-se um *AH*.

Em consulta às fichas catalográficas do acervo, identificou-se que as doações foram feitas no nome de Doritt Meyer de Almeida. Por meio de pesquisa identificou-se o Obituário, da Revista Gazeta do Povo, de 19 de dezembro de 2011. Foi possível verificar que a mãe da doadora das peças se chamava Elizabeth Hauer Meyer (adotou o sobrenome Meyer do marido). Assim, o monograma *EH* encontrados nas peças representa seu nome de solteira: Elizabeth Hauer.

Considerando as informações retiradas do Obituário sobre Doritt Meyer de Almeida, que nasceu em 1922 e faleceu aos 89 anos, no dia 18 de dezembro de 2011, pode-se inferir que a mãe e proprietária do monograma *EH*, provavelmente nasceu em torno de 1900.


Embora se tenha pesquisado, utilizando os recursos da Web e as redes sociais e não encontrado mais informações sobre Elizabeth Hauer, bem como à falta de contato com a

ModaPalavra e-Periódico

doadora e sua família, não foi possível identificar o período no qual a Sra. Elizabeth Hauer viveu, mas deduz-se que possivelmente tenha vivido entre as décadas de 1900 e 1930. Destaca-se, entretanto que, na mesma época em que a proprietária das peças analisadas na pesquisa viveu, o mesmo estilo de vestimentas era utilizado com monogramas personalizados, por diferentes tipos de mulheres e meninas em diferentes realidades, sejam culturais, sociais ou econômicas.

A seguir, apresentam-se as peças fotografadas no todo e em destaque o monograma de cada peça, conforme demonstradas nas Figura 1 a 7, a seguir.

Figura 1: Combinação	Figura 1.1: Monograma
 A photograph of a light-colored, possibly cream or off-white, lace-trimmed garment, likely a corset or bodice, laid flat. The garment features intricate lace detailing along the edges and a central panel.	 A close-up photograph of the fabric from the garment in Figura 1, showing a small, embroidered monogram in the center. The monogram consists of stylized letters, possibly 'E' and 'H', intertwined.
Fonte: A autora.	

Figura 2: Combinação	Figura 2.1: Monograma
 A photograph of a light-colored, possibly cream or off-white, lace-trimmed garment, similar to the one in Figura 1, laid flat. It features lace detailing and a central panel.	 A close-up photograph of the fabric from the garment in Figura 2, showing a small, embroidered monogram in the center. The monogram consists of stylized letters, possibly 'E' and 'H', intertwined.
Fonte: A autora.	

ModaPalavra e-Periódico

As Figuras 3 e 4, a seguir, são fotografias dos *caleçons*, os quais, assim como as combinações eram usados como roupas de baixo.





Figura 3: <i>Caleçon</i>	Figura 3.1: Monograma
	
Fonte: A autora.	

Figura 4: <i>Caleçon</i>	Figura 4.1: Monograma
	
Fonte: A autora.	

ModaPalavra e-Periódico

Nas Figuras 5, 6 e 7, a seguir, são representadas três camisolas, em formatos e modelos diferentes, entretanto com o mesmo padrão, tanto de tecido, quanto da cor e detalhes, como apresentação de rendas nas alças e busto. Destaca-se que todas as peças são de cambráia de linho e são datadas de 1910 e 1920, segundo informações coletadas na Modateca/UDESC.

Em cada uma das peças, por mais que a doadora seja a mesma, observam-se dois diferentes estilos de monogramas, destacados nas Figuras 5 e 6.

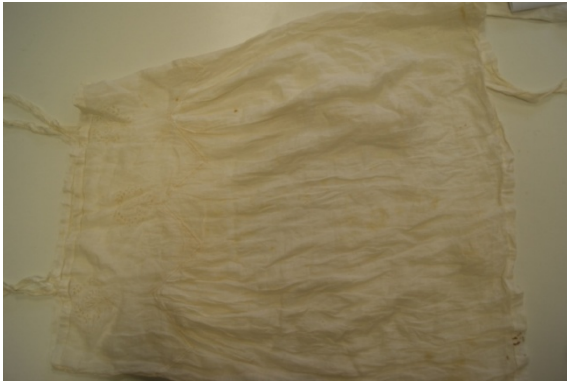
Figura 5: Camisola	Figura 5.1: Monograma
 A photograph of a light-colored, long-sleeved nightgown (camisola) laid flat, showing its ruffled neckline and sleeves.	 A close-up photograph of the fabric from the nightgown in Figure 5, showing a faint, embossed monogram.
Fonte: A autora.	

Figura 6: Camisola	Figura 6.1: Monograma
 A photograph of a light-colored, long-sleeved nightgown (camisola) laid flat, showing its ruffled neckline and sleeves.	 A close-up photograph of the fabric from the nightgown in Figure 6, showing a faint, embossed monogram.
Fonte: A autora.	

ModaPalavra e-Periódico

Na Figura 6, um novo estilo do monograma é encontrado, por mais que sejam as mesmas letras, *EH*, estão em um novo posicionamento, com flores de lis como traço interno do *E* e do *H*. A diferença mais marcante está na utilização de linhas mais retas, as quais poderiam ser relacionadas à diferença dos movimentos artísticos, como a predominância da década, que era do movimento *Art Déco*, o que justificaria as linhas retas encontradas no monograma da Figura 6.1.

Figura 7: Camisola	Figura 7.1: Monograma
	
Fonte: A autora.	

A Figura 7.1 retrata o monograma mais diferenciado, uma vez que ao invés do *EH* recorrente de todas as peças representadas anteriormente, aparece um novo monograma, o *AH*, o que pode-se inferir que a peça tenha sido criada para outra pessoa da família Hauer.

Seguindo na mesma linha de pensamento da análise do monograma anterior (Figura 6), inferindo que a criação dos monogramas podem ser influenciados pelos movimentos artísticos em voga no período, então, pode-se deduzir que, se a camisola apresentada na Figura 7 fosse datada de uma década anterior, por volta de 1910, poderia ter pertencido a *Art Nouveau*, estaria em destaque e poderia estar lançando tendências, o que teria influenciado no *design* do mesmo em discussão, este movimento implica em formas mais orgânicas, arredondadas e rebuscadas, exatamente o que se observa neste último monograma (Figura

7.1). Contudo ressalta-se que, uma vez que não foi possível especificar as datas das peças, estas continuam apenas sendo suposições, relacionando-se as formas de cada monograma com os movimentos artísticos da época inferida.

Considerando as colocações de Vital (2008), assim como foi citado Alain Corbin anteriormente, que os monogramas eram muito usados quando se tratava de enxovais, e que era um ritual comumente praticado quando se tratava de casamentos.

Essa época marcada pelo elemento de estratégias sociais e matrimoniais caracterizou um novo universo para a intimidade feminina, com rendas, bordados, trabalhos de agulha e as cerimônias de branco que ritualizavam e individualizavam a aprendizagem da jovem menina. O enxoval composto de camisolas, anáguas, espartilhos, *peignoirs* e ainda as roupas para a casa na cama, mesa e banho bordadas com as iniciais do casal, quase sempre com o fio vermelho (VITAL, 2008, p.26).

Hartman (s/d), também discute que monogramas têm se tornado um item indispensável em casamentos. Os casais criam um monograma com as iniciais do marido, da esposa ou a inicial do nome de casada. E este monograma é utilizado tanto na cerimônia, como forma de decoração para os convites, lembrancinhas, ou no próprio salão. No entanto, diferentemente de Hartman (s/d), Vital (2008) discute sobre os enxovais dos casais e na prática de aplicar monogramas a estes, em diferentes peças e demais itens, mas, em tempos mais antigos, cheios de tradições e, esta tradição já não é mais atuante, diferentemente da que é citada por Hartman (s/d), que tornou-se um costume rotineiro nos casamentos modernos.

Relembrando a questão de épocas e vestimentas, destaca-se que, durante a I Guerra Mundial, as mulheres acabaram por tornarem-se fundamentais para substituir os homens como força de trabalho. E para que isso pudesse acontecer, as roupas que antes eram ditadas em base do espartilho em S - durante a *Belle Époque* - tiveram que ser simplificadas e mais soltas para que pudessem fornecer às mulheres praticidade e movimento. Considerando os estudos de Stevenson (2011, p.87), a

[...] simplificação do vestuário feminino estendeu-se às roupas de uso diário, e uma despreocupada autoconfiança passou a ser o estado de espírito geral. Essa foi a década em que as mulheres conquistaram o direito de votar, e a geração pós-guerra recusou-se a voltar os olhos para uma era de espartilhos limitadores e decoro pudico.

O vestuário mais representativo da década de 1920 eram os vestidos, cujas bainhas ficavam na altura das panturrilhas, o peito era achatado e as pernas desnudadas. Nunca em toda a história tanta pele teria sido mostrada pelas mulheres.

As combinações eram como pode observar-se nas Figuras 1 e 3, uma espécie de ‘macacão’ (formado por duas peças) eram utilizadas como forma de substituição ao *soutien* e calcinha dos tempos atuais, sempre caracterizado como uma forma de roupa de baixo, nunca demonstrada.

Antes da década de 1920, o comprimento das saias e vestidos foi sendo encurtado - um escândalo para a época, pois nunca havia sido tão pequenos. E com isso, as roupas de baixo tiveram que, obviamente, adaptar-se à moda em voga. Por isso nota-se que tanto as combinações, quanto os *caleçons* e até as próprias camisolas tiveram seus tamanhos reduzidos.

Ao longo das décadas a utilização destes símbolos individualizantes foi se modificando, não é a toa que Will Boehlke¹ (2008), afirma que os monogramas, em tempos atuais, não têm mais a função de identificação e diferenciação, mas, servem como um item de luxo e vaidade. No momento, somente homens de alto poder aquisitivo e no topo da escala social ainda usam suas iniciais bordadas, normalmente, no interior da gola, no punho, ou mandam personalizar botões de punho com seus monogramas - com o objetivo único de manter o status, uma vez que não é preciso a colocação de monogramas como modo de identificação, para não perder ou misturar-se com outros, mas apenas de distinção social.

Considerando ainda as afirmativas de Boehlke (2008), os monogramas de marcas famosas funcionam do mesmo modo, como por exemplo, os dois *Cs* da *Chanel*; o *YSL* de *Yves Saint Laurent*; os dois *Gs* da *Gucci*; o ilustre *LV* da *Louis Vuitton*, impressos em diversos itens, como: em bolsas, as quais são identificáveis pelas mulheres em qualquer lugar, entre outros. Esses monogramas simbolizam a autenticidade, riqueza, elevada classe social, funcionando como objetos de ostentação, de elegância, exclusividade e sofisticação, além de garantir a personalização e o reconhecimento de seu proprietário.

Assim como afirmou a autora Cidreira (2006, p.60), “sabemos que as vestimentas servem como elementos de atestação de pertencimentos e, tanto ontem quanto hoje, elas fazem parte do processo de constituição das identificações sociais”, encerra-se, por ora, essa discussão, ciente da continuidade da investigação sobre os monogramas.

¹Ex-consultor de marketing e gerente de um *blog* sobre moda masculina clássica, o qual foi homenageado como um dos melhores do mundo pelo *Sunday Times* de Londres em 2009 e um dos dez melhores *blogs* de moda pelo *The Guardian* em 2010.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivou-se com este artigo identificar a utilização dos monogramas como símbolos de singularização de indivíduos, dentro de uma sociedade massificada, partindo da identificação do acervo doado à Modateca/UDESC.

Embora se tenha realizado a análise do acervo, este como base para a execução do presente artigo, não se obteve êxito quando a identificação da proprietária das sete peças estudadas. Em busca de contato, encontraram-se informações sobre falecimentos e, conseqüentemente, falta de contatos e dados, o que impossibilitou a real compreensão do que os monogramas representaram no contexto familiar de Elizabeth Hauer – *EH*, detentora do acervo analisado.

Por outro lado, considera-se que as respostas às questões colocadas: a quem pertencem os monogramas identificados nas peças de vestuário na Modateca da UDESC? Como símbolos de singularização de indivíduos, o que representam? foram parcialmente obtidas, a partir de estudos do acervo, assim como de aspectos históricos levantados por intermédio da revisão da literatura.

Durante pesquisa sobre as doações do acervo da Modateca/UDESC, buscando identificar a realidade vivida pela proprietária das peças, foram encontradas informações que o Museu Paranaense, localizado em Curitiba, Paraná, organizou este ano (agosto, 2013) uma exposição, chamada de ‘Modos e Modas’, organizada pela coordenadora do Setor de História do museu, Tatiane Takatuzi; para qual, peças de Doritt de Almeida Meyer e Elizabeth Hauer Meyer foram doadas por Maria Luiza de Almeida Scheleder, filha e neta, respectivamente. Essa notícia abre a possibilidade de maior investigação futura, objetivando maiores esclarecimentos (BENDLIN, 2013).

Pela descrição das peças que foram doadas ao museu e disponibilizadas na exposição por Bendlin (2013) caracterizam-se que se trata de um enxoval, conforme discutido por alguns autores, no transcorrer do presente artigo. Ou seja, os fatos constatados anteriormente indicam que Elizabeth Hauer provavelmente viveu numa condição econômica confortável, visando o número de peças doadas para a UDESC, mais as que foram doadas para o Museu Paranaense, e ainda contando que, enquanto viva, possivelmente dispunha de mais itens de vestuário.

Com base no que foi apresentado e nos exemplos citados durante o artigo, observa-se que, em diferentes contextos, épocas e sociedades, os indivíduos que vivem nestes meios

tornam-se padronizados, assumindo o que voga em seu tempo, para diferenciar os seus pertences ou até a si mesmos, passando a ser uma necessidade, uma questão de criar atributos de distinção entre si; sendo um deles o uso de monogramas.

Cabe ainda destacar, futuros trabalhos, como: continuar a identificação história do monograma *EH*; elaborar artigo (brasileiro) sobre a origem e evolução dos monogramas; identificar o uso de monogramas nos tempos atuais, entre outros.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Eliane Morelli 2009. *Os objetos do cotidiano doméstico nos espaços destinados à sociabilidade*. Disponível em: <http://www.centrodememoria.unicamp.br/arqhist/content/uploads/arquivos/pdf/cotidiano_do_mestico.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2013.

BENDLIN, Ana Carolina. Museu expõe peças e trajes usados no início do século XX. *Paraná Online*, 17/03/2013. Disponível em: <<http://www.parana-online.com.br/canal/mulher/news/656881/?noticia=MUSEU+EXPOE+PECAS+E+TRAJES+USADOS+NO+INICIO+DO+SEculo+XX>>. Acesso em: 07 nov. 2013.

BOEHLKE, Will. A monologue on monograms. *A Suitable Wardrobe*, 30 dez 2008. Disponível em: <<http://asuitablewardrobe.dynend.com/2008/12/monologue-on-monograms.html>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

CIDREIRA, Renata Pitombo. *Os sentidos da moda: vestuário, comunicação e cultura*, 2006.

CLABBURN, Pamela. *Samplers*. Buckinghamshire: Shire Publications, 1998.

CORBIN, Alain. *História da vida privada: da revolução francesa à primeira guerra*, v. 4. Companhia das Letras, 2009.

CRESK. *A brief and selective history of monograms*. Disponível em: <<http://cresk.nl/a-brief-and-selective-history-of-monograms>>. Acesso em: 17 jun. 2013.

EDESIGNED. *Monograms*. Disponível em: <<http://www.gr8lessons.com/logos2/Monograms.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2013.

FERREIRA, Aurélio B. H. *Novo dicionário eletrônico Aurélio*, versão 5.0. rev. CD. Positivo Informática, 2004.

FIRIMAGE, Richard. *The alphabet abecedarium: some notes on letters*. Boston: David R. Godine, 1993.

GOOGLE, Acadêmico. Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/>>. Acesso em: 07 nov. 2013.

GREIN, Everton. *Da bellicositas a civilitas: Teodorico o amalo e a (re)construção da romanitas na antiguidade tardia (SÉCULO VI)*. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/9850/5693>>. Acesso em: 06 nov. 2013.

HARTMAN, Cynthia. O que são monogramas? *Educação e Ciência*. eHow Brasil. [s/d]. Disponível em: <http://www.ehow.com.br/monogramas-info_36177/>. Acesso em: 05 mai. 2013.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. 1989.

NUNES, Osmar. Obituário. *Gazeta do Povo*. Publicado em 19/12/2011. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/falecimentos/conteudo.phtml?id=1204716>>. Acesso em: 07 nov. 2013.

RAS, Matilde. *Historia de la escritura y grafologia*. Editora Maxtor, 2005. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=c7GSzsD5gyQC&oi=fnd&pg=PA9&dq=hist%C3%B3ria+dos+monogramas+monogramas&ots=Hb301cfuUA&sig=kpysRpswc6pseZIfTU1eeXeYto#v=onepage&q=hist%C3%B3ria%20dos%20monogramas%20monogramas&f=true> Acesso em: 08 nov. 2013.

SAYEG, Lygia Leão. *Monograma é uma marca e agrega valor*. 18 mar. 2013. Disponível em: <<http://www.lydiasayeg.com.br/2013/03/monograma-e-uma-marca-e-agrega-valor.html>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

STEVENSON, N. J. *Cronologia da moda: de Maria Antonieta a Alexander McQueen*. Rio de Janeiro, Zahar, 2012.

TEXTILE lover's diary, A. Disponível em: <<http://www.belovedlinens.net/monograms/white-monograms-1-2.html>>. Acesso em: 19 jun. 2013.

TOLLER, Jane. *British samplers: a concise history*. Chichester, Sussex: Phillimore, 1980.

UNITED States. *Patent Office: Monogram structure*. Michael Chernow; Joseph Chernow, Brooklyn, New York. Disponível em: <<http://www.freepatentsonline.com/1689619.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2013.

UNITED States. *Patent Office: Apparel Monogram Attachment*. Manny Eagle. Brooklyn, New York. Disponível em: <<http://www.freepatentsonline.com/2530453.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2013.

UNITED States. *Patent Office: Monogram Stamp*. Helfrid Stenstrom. Philadelphia, Pennsylvania. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?url=patentimages.storage.googleapis.com/pdfs/US1211498.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2013.

UNITED States. *Patent Office: Method for Applying Monograms on Decorative Articles*. Samuel D. Berlin. Stevenson, Maryland. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?url=patentimages.storage.googleapis.com/pdfs/US3619312.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2013.

VESTA (ALLAN, Stella). *Preparing for boarding school*. Girl's outfit. The Argus (Melbourne, Vic.: 1848 - 1957) Wednesday 6 January 1915, WOMEN TO WOMEN. page 12. Disponível em: <<http://trove.nla.gov.au/ndp/del/article/1488144>>. Acesso em: 07 nov. 2013.

VITAL, Manuela da Silva. *Memórias Íntimas de um passado: preservação de roupas femininas francesas 1920-1930*. UDESC, 2008. Disponível em: <<http://www.pergamum.udesc.br/dados-bu/000000/000000000000B/000000B4E.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2013.

VITALE, Dan. *Review of Comedy in a Minor Key*. In: KEILSON. *Comedy in a Minor Key*. Hans. *Three Percent*, 1947. Disponível em: <<http://www.rochester.edu/College/translation/threepcent/index.php?id=2842>> Acesso em: 19 jun. 2013.